

Diálogos Mecila: #04 Lutar contra ou conviver com a seca?

Raphael: Difícil começar esse episódio sem ser com um repente. Nesses versos de Zé Cardoso e Antônio de França, eles fazem uma homenagem ao agricultor nordestino. No correr da cantoria somos levados a dura rotina do trabalhador dos campos do sertão que, como dizem os repentistas, está sujeito a todos os rigores da sequidão do Nordeste.

Mas de onde vem esses rigores afinal? Seriam só da própria seca, ela sozinha como a causa dessa vida?

Falar nas secas do nordeste brasileiro não é simplesmente falar de uma condição ou fenômeno climático. É falar também de como a atividade humana lida com ele, como relações sociais se constroem nesses lugares onde a seca ocorre. É falar de como pessoas, poderes e instituições constroem imagens do que é a seca em função de interesses.

Essas formas de relação com a seca, de entendê-la e de lidar com ela também estão na base das relações entre as pessoas que vivem sob a seca. E é disso que gente vai falar hoje

A nossa conversa é com a geógrafa Maya Manzi. Ela é autora do artigo “Lutando contra ou coexistindo com a seca? Convivialidade-desigualdade e mobilidade camponesa no Nordeste do Brasil”. Ele faz parte do livro “Constelações Conviviais na América Latina”, que deve ser publicado em inglês ainda nos próximos meses pela editora Routledge. A Maya realizou um pós-doutorado pelo Mecila e hoje é professora na Universidade Católica do Salvador, na Bahia.

Eu sou Raphael Concli. Bem-vindas e bem-vindos a mais um Diálogos Mecila.

Raphael: Você já deve ter criado uma imagem sobre algum lugar em que você nunca foi. Talvez a partir de relatos de outras pessoas, de filmes, músicas, reportagens. E essa imagem talvez te diga algo também sobre as pessoas que vivem nesse lugar.

Esse processo de imaginar outros lugares e povos é comum, e ele não ocorre por acaso. A gente pode chamar isso de imaginação geográfica.

Maya Manzi:

A imaginação geográfica pode ser entendida como constituída a partir de pressupostos, de preconceitos ou expectativas associadas ao espaço, a um lugar ou a um território específico, que inclui, obviamente também, os sujeitos que o habitam. Por ser constituída por pressupostos e preconceitos ela também tem uma dimensão ideológica,



no sentido de representar o pensamento hegemônico de uma certa época, sobre certos espaços geográficos.

Por isso que, se entendermos a imaginação geográfica como reflexo ou produto de ideologias dominantes, podemos ver como elas têm ajudado a reproduzir formas discriminatórias de representar o outro, típicas do pensamento colonial.

Raphael: Como a Maya disse, essa imaginação geográfica não é uma coisa neutra. Você também já deve ter notado que a imagem que se tem sobre um lugar é muitas vezes cheia de pressupostos ou preconceitos, que são compartilhados por diversas pessoas.

Em algumas ocasiões, é possível perceber até que as características geográficas de um lugar são usadas para falar sobre como são e como vivem as pessoas de lá. Podem ser coisas aparentemente inocentes, como a ideia de que o povo Russo é um povo frio. Ou outros estereótipos, como dizer que países tropicais são “atrasados” devido ao seu clima.

Esse tipo de associação a gente pode chamar de “determinismo ambiental”, explica a Maya. Um paradigma científico que a ciência da geografia ajudou a construir. E, como é normal nas ciências, geógrafas e geógrafos viriam a questionar essa noção.

Maya Manzi:

Esse tipo de raciocínio tem levado a tentar explicar cientificamente as diferenças e desigualdades sociais como resultado de fenômenos biofísicos, e isso tem tido como efeito de naturalizar essas diferenças e desigualdades e de ocultar das suas determinações sociais e políticas.

No caso do nordeste o determinismo ambiental tem sido usado de forma recorrente ao longo da história, de modo que a seca, enquanto fenômeno “natural”, virou a principal responsável pela pobreza, pelo desenvolvimento da região e com o efeito perverso de retirar a responsabilidade do Estado perante os problemas sociais e estruturais.

Raphael: Pois é, a associação da seca como uma causa natural da pobreza cria uma imagem que oculta as decisões e ações humanas que constituem essa situação. Parte do trabalho da Maya foi resgatar como essa imaginação geográfica sobre o Nordeste se construiu, e quais sentidos sociais e políticos estão por trás da ideia de combate à seca.

Maya Manzi:

Nesta perspectiva do combate a seca, a natureza é vista como algo imprevisível e destrutivo que precisa ser controlado e domesticado e o Estado se torna o grande salvador frente a este inimigo da sociedade e da civilização, ostentando seu poder através de grandes obras hidráulicas e de ações emergenciais de assistência a vítimas da seca.



Então o problema da seca, nesse contexto, vai ser visto como um problema puramente técnico, relegado a especialistas, enquanto o conhecimento local e o saber tradicional do camponês nordestino, vai ser relegado ao passado, associado ao primitivo, ao subdesenvolvido e perpetuando relações de poder típicas do período colonial.

Raphael: E essa administração técnica da seca envolve formas de controle bastante violentas sobre pessoas. Grandes secas históricas, como a de 1887 à 1889 estimularam a migração de milhares de camponeses para grandes cidades como Fortaleza, Recife e Salvador. O que não agradou as burguesias locais, temerosas de uma invasão de indesejados. Entre as próximas duas grandes secas, a de 1915 e de 1932, campos de concentração foram construídos como forma de conter esses movimentos.

Maya Manzi:

Essas práticas mostram uma política de contenção extremamente violenta, uma política de morte e de extermínio, onde o medo do outro e a recusa de conviver com o outro, vai se manifestar em práticas de contenção da mobilidade dessa população indesejada que é composta principalmente por ex escravos.

Dentro desse contexto a seca se tornou o melhor aliado da burguesia para implementar uma estratégia de higienização social e obviamente podemos fazer vários paralelos com vários desastres ambientais, ou epidemiológicos, contemporâneos que têm sido instrumentalizados da mesma forma.

Por exemplo, a epidemia da AIDS na África, os efeitos de furacões nos bairros mais pobres nos EUA e agora a pandemia do Covid-19, são exemplos nos quais um fenômeno dito natural pode ser usado como forma de matar sem ter que matar.

Raphael: É preciso lembrar que a história da luta contra a seca surge num contexto de abolição da escravatura no Brasil e desintegração do sistema de produção de Açúcar no Nordeste.

O trabalho da Maya presta atenção em como as intervenções sobre a seca são uma forma de responder a essa mudança de regime. Apesar do fim da escravidão, as novas formas de interação entre patrões e trabalhadores, e a maneira de lidar com a natureza, seguiria preservando termos e condições exploratórios e opressivos de antes.

Maya Manzi:

E esse regime de convivialidade naquele regime entre escravos e donos e após a abolição entre trabalhadores rurais e fazendeiros, funcionava e ainda funciona, com base na propriedade privada como direito supremo, mesmo que tenha sido construído na falsidade e na manipulação como no caso na grilagem de terra, que ainda acontece de



forma corriqueira no Brasil. E esse sistema de propriedade privada e de concentração de terras nas mãos de poucos, forjou uma série de normas e valores morais que contribuíram para manter esse sistema em pé. Então muitos grandes fazendeiros acabaram deixando seus escravos libertos usufruírem dos pedaços pequenos de suas terras, para cultivar nela e sustentar suas famílias e isto era visto como um ato de bondade e generosidade da parte dos proprietários que em troca se achavam na força do direito de usar o trabalho de seus ocupantes gratuitamente que era uma condição não muito distante da escravidão.

Raphael: Foram várias as formas que esse combate a seca assumiu ao longo da história do Nordeste. Nas primeiras décadas do século XX, muitas obras foram feitas buscando garantir suprimento de água para as regiões atingidas pela seca.

Mas elas eram implementadas nas terras de grandes proprietários, que estabeleciam relações de trabalho exploratórias com os camponeses que contratavam para trabalhar em suas terras.

São relações assim que foram retratadas por personagens imortais da literatura brasileira, como a família de “Vidas Secas”, romance publicado em 1938, pelo alagoano Graciliano Ramos. E que se tornaria filme em 63 com o diretor Nelson Pereira dos Santos.

Trechos do filme Vidas Secas:

— *É essa sua gente? Só isso?*

— *Sim! Tem mais a cachorra, são para todos serviços.*

— *Como é sua paga?*

— *Estou acostumado, ganho um bezerro de quatro que nasce.*

Raphael: A partir dos anos 50 investimentos públicos passaram a mirar o desenvolvimento regional, e isso através da modernização agrícola, da expansão da agricultura de irrigação, da criação de complexos agroindustriais a até da abertura de estradas.

Arquivo Nacional - Seca no Ceará

Vou oferecer ao sertanejo, vítima do tremendo cataclismo, os meios de subsistência. Visando assim retê-lo na gleba que tanto quer e de onde só se sai quando, como agora, se vê exprimido e apossado por circunstâncias superiores às suas forças.

Raphael: Mas isso não representou necessariamente uma mudança nas relações entre proprietários de terra e investidores com os camponeses.

Analisando essa história, há algo fundamental que a Maya aponta. Existe uma economia moral que sustenta essas relações, e a ideia de lealdade é um valor fundamental aí.



Maya Manzi:

Então o roceiro vai ter que mostrar lealdade ao fazendeiro, da mesma forma que o escravo, ou servo, tinha que demonstrar ao seu superior, em contextos de interiores. Então esse valor, que tem origem em um sistema extremamente autoritário, paternalista e autamente cristão, também aparece em outros contextos mais contemporâneos como nos movimentos sociais, ou no caso do cooperativismo, mesmo quando a dimensão autoritárias aparentemente não é a que prevalece, já que supostamente são estruturas mais democráticas com outros objetivos. Mas que vão também forjando relações lealdade, ainda que em uma chave diferente. Então esse valor é atrelado a diversos contextos, que as vezes são até antagônicos entre eles, mas que ainda sustentam a lealdade e a subordinação dentro da sociedade sertaneja.

Raphael: Como a Maya mostra, as formas diferentes que a luta contra a seca assumiu serviram como pano de fundo para perpetuar relações de exploração baseadas em uma ideia de lealdade. Essa relação vai ganhando novas formas à medida que as políticas de enfrentamento da seca se transformam. Mas os problemas da indústria da seca foram ficando cada vez mais óbvios. Ao invés de dar soluções para a seca, essa forma de encará-la acabou ampliando problemas. Tanto para a vida dos trabalhadores, como a do próprio ambiente, lembra a Maya.

Maya Manzi:

A falta de uma reforma agrária, fez com que roceiros e pequenos produtores ficassem em situações cada vez mais precarizadas, com propriedades cada vez mais reduzidas e fragmentadas, devido ao crescimento demográfico e as divisões por herança. Enquanto isso continuo a concentração de terras nas mãos dos grandes fazendeiros e dos novos grileiros.

E essa desigualdade fundiária vai provocando uma pressão e uma degradação ambiental, não apenas nas grandes propriedades onde prevalece as monoculturas e o uso de agrotóxico, também nas terras dos camponeses, que por serem de tamanho mais reduzido, são cultivadas de maneira mais intensiva, sem período de descanso, como se fazia mais tradicionalmente na técnica ancestral de rotação de culturas, só pra mencionar uma estratégia das que eles usavam.

Raphael: No final do século XX chegaria o momento em que outra forma de pensar e se relacionar com a seca começariam a ganhar voz. Uma forma de conceber a relação com a natureza baseada na valorização dos saberes e práticas das populações locais. É a ideia de coexistência com o semi-árido. Aqui a ênfase está numa relação de interdependência entre humanos e a natureza. O cuidado e respeito são valores que devem efetivamente guiar essa relação convivial.



Maya Manzi:

Na perspectiva de muitos camponeses que, na minha experiência, mas também nas leituras que eu fiz sobre isso, a seca faz parte do ciclo da vida, das variações sazonais, da imprevisibilidade que é inerente a natureza.

E os camponeses nordestinos baianos, que muitos tem descendência indígena ou africana, tem convivido com essas condições ambientais há séculos. E para eles a seca não é definidora da vida no sertão, o sertão é muito mais do que a seca.

É uma região riquíssima em biodiversidade, com solos altamente férteis em várias localidades, com períodos com chuva abundante. Então a seca ela não é algo a ser combatido na perspectiva deles, mas algo com o qual é preciso conviver.

Raphael: Essa ideia de coexistência com o semi-árido ganha corpo no início dos anos 1990, com a criação da ASA, a Articulação do Semi-Árido, uma rede formada por mais de três mil organizações da sociedade civil, incluindo sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores, ONGs e cooperativas.

Maya Manzi:

E a ASA tem como missão defender e por em prática o projeto político da convivência do Semi-Árido, através de ações como o programa de um milhão de cisternas, que ficou muito conhecido durante o mandato de Lula, mas também tiveram outros “Uma terra e duas águas”, “Cisternas nas escolas” e “Sementes do semi-árido”.

Ou seja, a convivência com o semi-árido é fundamentada em práticas camponesas de diversificação das atividades e dos cultivos, na constituição de reservas de água, na defesa do direito a água e nos princípios de agroecologia. Então uma dimensão importante desse projeto político é que ele se baseia em experiências nascidas no saber popular, em diálogo com o saber científico, o que poderíamos chamar de conhecimento “pluriversitário”, pra usar o conceito de Boaventura.

Raphael: Mas de acordo com a Maya não demoraria pra que essa ideia da coexistência com o semi-árido fosse apropriada por outras iniciativas. Em 2004 surge o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel. Os ideais do programa soam ótimos, produzir biocombustível para reduzir a dependência de petróleo, estimulando cultivos tradicionais de pequenos produtores como a mamona, cujo óleo serviria de matéria-prima para a produção de combustível. E isso tudo a partir das melhores práticas ambientais, mantendo a rotação de cultivos e preservação da diversidade ecológica.



Propaganda PNPB:

O PNPB é um programa do governo que une o desenvolvimento de um novo setor, ao fortalecimento da agricultura familiar. Pela geração de emprego e renda à inclusão social, menores índices de poluição do ar à qualidade de vida e saúde da população. As fontes renováveis de geração de energia-

Raphael: Parece ótimo, não? A Maya investigou um pouco mais de perto.

Maya Manzi:

O Programa Nacional do Biodiesel, prometia uma produção de energia de forma sustentável e socialmente mais inclusiva. Então, nesse sentido, ele representa um exemplo clássico de desenvolvimento sustentável, no qual o que se trata de sustentar de fato é o próprio desenvolvimento econômico camuflado atrás de uma suposta preocupação com a sustentabilidade ambiental, que muitas vezes é completamente desmentida na prática.

No caso mais específico da Bahia, o que foi demonstrado cada vez mais de forma mais clara é que as práticas agrícolas utilizada para a produção de matéria prima do biodiesel foram cada vez mais orientadas para práticas típicas do agronegócio. Estimulando o camponês a utilizar semente geneticamente modificada, que promovem a produção de monoculturas, o uso de agrotóxico, o uso de maquinário, o uso de sistemas de irrigação, que aumentam a pressão sobre a água e tendem, com isso, a exacerbar os problemas relacionados à seca.

Raphael: Só o discurso do desenvolvimento sustentável não basta pra criar melhores condições de trabalho ou de uso da natureza. E a Maya percebeu que a implementação do Programa Nacional de Uso do Biodiesel reproduzia uma série de problemas.

Maya Manzi:

Estas mudanças na relação entre sociedade-natureza tem tido efeitos socioambientais negativos, como o aumento do desmatamento, o aumento na poluição produzida pelas usinas de biodiesel e também pelo uso de fertilizantes químicos. Esses impactos ambientais contribuem para a emissão de gases de efeito estufa e isso acaba anulando os benefícios que o biodiesel poderia ter em relação ao petróleo, em termos de redução de emissão de CO₂, quando se calcula os efeitos apenas em termos de redução de consumo.

Isso, sem falar também, de outros efeitos perversos do agrodiesel, como as consequências do uso de agrotóxicos para a saúde dos trabalhadores rurais, a perda do saber popular e a perda da soberania alimentar. Com o controle cada vez maior das empresas de biodiesel sobre os sistemas produtivos camponeses.



Isto então demonstra como a produção do biodiesel, com base na agricultura, mesmo com a pretensão de ser implementada de forma ecológica e socialmente responsável, na prática acaba contribuindo com a expansão da fronteira agroindustrial no Brasil. O que acabou acontecendo então com o biodiesel, foi a reprodução de um sistema de exploração do trabalhador rural, que se encontra mais uma vez na posição de produtor de matéria prima barata e além disso o biodiesel também contribuiu para exarcebar as desigualdades entre agricultores familiares já que o programa privilegia os agricultores mais produtivos.

Raphael: Mas se essa apropriação da ideia de coexistência com o semi-árido por iniciativas como Programa Nacional do Biodiesel acabam reafirmando antigas relações, isso não acontece sem resposta.

Maya Manzi:

Essas relações de poder que configuram essas novas convivialidades agrárias continuam fundamentadas em uma economia moral baseada na lealdade, mas que hoje se atrela fortemente ao cooperativismo empresarial. A minha pesquisa mostra como essas economias morais, também são contestadas. Muitos dos agricultores não se submeteram às novas exigências do programa do biodiesel, preservando suas práticas agroecológicas, preferindo abrir mão de uma renda adicional pouco confiável e pouco viável, do que perder a sua autonomia, tanto nas suas relações comerciais, quanto na sua relação com a terra.

Raphael: Essas formas de resistência e contestação mostram que as relações com a seca e que se dão em meio a ela estão em permanente disputa. Seja pela recusa e renegociação das condições de trabalho e do uso da terra, ou pelo rompimento de acordos que não beneficiam de fato os trabalhadores do campo. Como lembra a Maya, a coexistência com a natureza, ou a convivialidade de modo geral, envolve pensar em relações de poder, em *como* isso vai se dar. E, pensando nisso, parecem caber bem as perguntas que o músico e compositor cearense Belchior faz na canção “Conheço Meu Lugar”.

Trecho da canção de Belchior “Conheço meu lugar”:

O que é que pode fazer o homem comum

neste presente instante, senão sangrar?

Tentar inaugurar a vida comovida,

inteiramente livre e triunfante?



Raphael: Essa foi mais uma edição do Diálogos Mecila.

Eu agradeço muito a Maya Manzi professora da Universidade Católica do Salvador e pesquisadora de pós-doutorado do Mecila pela nossa conversa. Lembrando, o artigo da Maya a partir do qual esse episódio é baseado é o “Lutando contra ou coexistindo com a seca? Convivialidade-desigualdade e mobilidade camponesa no Nordeste do Brasil”. Ele integra o livro “Constelações Conviviais na América Latina”, que deve ser publicado em inglês ainda nos próximos meses pela editora Routledge.

Uma primeira versão do texto foi publicada como um Working Paper do Mecila e se encontra disponível em nosso site www.mecila.net.

Esse episódio usou passagens do filme *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos e de reportagem do Arquivo Nacional. Trechos de músicas de Levi Leosan e do grupo Quinteto Armorial. O repente da abertura é de Zé Cardoso e Antônio de França.

O Diálogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Center Conviviality Inequality in Latin América. Jörg Klenk é nosso coordenador científico. O editor científico é Joaquim Toledo Júnior. Melanie Metzen é nossa coordenadora de comunicação e eventos. E o apoio de produção é de Gustavo Diniz.

Eu sou Raphael Concli e agradeço a você que nos ouviu até aqui. Até a próxima.